

## INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

**\* Roberto Rodrigues**

O mundo todo está consumindo mais alimentos industrializados pelas duas óbvias razões muito conhecidas: cresce mais a população nos países emergentes, onde a renda per capita aumenta quase três vezes mais do que a dos países ricos.

No Brasil não é diferente: segundo dados do IBGE/POF de 2012, estes alimentos industrializados consumidos aqui já representavam 85% do total, contra 15% dos in natura.

Além da melhoria da renda per capita, a crescente urbanização do país (mais de 85% de nosso povo já vive nas cidades), 54% desta população compõe hoje uma poderosa classe "C" (em 2005 eram 34%), a forte participação feminina na População Economicamente Ativa, a mudança na pirâmide etária diante da perspectiva de vida mais longa são também determinantes do aumento do consumo de alimentos de maior valor agregado. Lado negativo disso é maior obesidade, inclusive a infantil.

A indústria brasileira de alimentos já tem um faturamento correspondente a 9% do PIB nacional.

Dados do IBGE de 2011 indicavam que o VBPI (Valor Bruto da Produção Industrial) dos alimentos (incluindo as bebidas) somava 413,7 bilhões de reais, maior que a petroquímica, cujo VBPI foi de 365,4 bilhões de reais.

Em 2013, as vendas da indústria chegaram a 485 bilhões de reais, e suas exportações atingiram 43 bilhões de dólares.

Isso faz do Brasil o maior exportador mundial de alimentos processados em volume, e o 5º em valor.

Em 2008 o faturamento da indústria brasileira de alimentos foi de 269 bilhões de reais e, no ano passado, 485 bilhões, um crescimento de 43% em 5 anos!

Deste valor, o primeiro colocado em 2013 foi a indústria de carnes (100,8 bi), seguido por bebidas (90,13 bi), café, cereais e chá (52,8 bi), laticínios (50,13 bi), óleos e gorduras (42,35 bi), açúcares (40,88 bi), sorvetes e temperos (28,66 bi), derivados de trigo (26,8 bi), derivados de frutas (23,66 bi), sendo o 10º colocado o setor de chocolates e balas (13,1 bi).

Toda esta riqueza é produzida em 45 mil empresas em todo o território nacional, gerando 1.626.000 empregos diretos.

Notável é que esta pujante indústria está ancorada na nossa poderosa produção agropecuária.

Nosso papel na defesa da Segurança Alimentar mundial é evidente, uma vez que somos os maiores exportadores mundiais de suco de laranja, açúcar e carnes; somos os segundos colocados nas exportações de bombons e doces, café solúvel e assim por diante.

Mas poderíamos ter ainda uma posição mais expressiva como mitigadores da fome no mundo, se eliminássemos alguns gargalos, o conhecido Custo Brasil, com o trágico nó da logística, mais do que conhecido.

No entanto, talvez esteja na questão tributária um dos maiores problemas da área. Segundo Roberto Giannetti da Fonseca, a indústria de alimentos está sujeita a mais de 1.300.000 regras tributárias, uma barafunda que leva a uma complicada gestão tributária, e com cumulatividade que reduz o capital de giro das empresas. É fundamental equilibrar esta questão, inclusive com a modernização do CONFAZ.

Há que descomplicar o sistema de regulação oficial dos alimentos processados, com pesada e confusa burocracia envolvendo Ministérios e Agências federais e estaduais, que inibem até mesmo os indispensáveis avanços tecnológicos.

E por fim, é fundamental a rediscussão das regras mundiais de comércio, evitando a escalada tarifária sobre alimentos industrializados que reduz a nossa competitividade.

Há muito a fazer. Mãos à obra.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**